

A Tradição Clássica e o Brasil

André Leonardo Chevitarese
Gabriele Cornelli
Maria Aparecida de Oliveira Silva
(Organizadores)

Archai
αρχαί

FORTIUM
EDITORA

2008

História da tradição clássica no Brasil dos séculos XIX e XX. Egito antigo no Brasil: egiptologia e egiptomania

Margaret M. Bakos
Raquel dos Santos Funari

Como o Egito Antigo chegou ao Brasil?

Inúmeros acadêmicos de História declararam que o seu interesse pelo curso foi despertado em aulas sobre o Egito antigo ao longo do primeiro e do segundo grau. Essa escolha se deveu aos seus bons professores, cujos nomes, inclusive, foram muitas vezes mencionados nos questionários que, há mais de dez anos, uma das autoras aplica aos alunos dos seminários em História Antiga, na PUCRS. Entretanto, encontram-se também outras origens para esse fascínio pelo antigo Egito, como a assistência a filmes, práticas de cunho esotérico, contatos com instituições seculares como a Rosa Cruz e a Maçonaria e, principalmente, leituras de artigos em jornais, revistas populares e romances clássicos. Aos treze anos de idade, a leitura do romance *O Egípcio*, de Mika Waltari foi um dos elementos a despertar-me forte interesse pelo antigo Egito, depõe, Ciro Flamarion Cardoso, Professor Titular de História Antiga, na Universidade Federal Fluminense.

No Egito ainda permanece a única das sete grandes maravilhas da Antigüidade - as três pirâmides de Giza, as quais junto com a esfinge de Quefrem e dezenas de obeliscos se tornaram os três grandes ícones do imaginário coletivo da humanidade sobre a terra nilótica. Pela sua antiguidade, os valores simbólicos que lhe foram agregados, tais imagens são consideradas, de um lado, patrimônios da humanidade, mas de outro, elas fazem parte do cotidiano dos brasileiros, bastando para notá-los que a pessoa se conscientize de suas presenças.

Egiptologia, egiptofilia e egiptomania

A *egiptomania* é uma das três maneiras de se manifestar interesse pelo Egito antigo. As outras duas são a *egiptologia*, ciência criada no século XIX, a partir da decifração dos hieróglifos por Champollion, que estuda tudo que é relativo ao antigo Egito, e a *egiptofilia*, que consiste no gosto pela arquitetura, objetos e textos egípcios ou que versam sobre eles. A egiptomania é o fenômeno mais antigo dos três: constitui-se na transculturação, isto é, na apropriação de elementos de uma cultura por outra, fato que implica, sempre, em mudança, transformação de conteúdo ou de expressão. (BAKOS, 2005, p. 238)

A egiptomania é o fenômeno que pode ser estudado tanto em relação a essa longevidade, manifesta pelo uso sistemático de três grandes ícones - pirâmides, esfinges e obeliscos -, como no que concerne ao entendimento, de cunho genealógico, do surgi-

mento de casos isolados, particulares e localizados em diferentes contextos do planeta, de apropriação como é o caso de uma festa temática, sobre o Egito faraônico, a acontecer no extremo sul da América do Sul, no início do III milênio. (BAKOS, 2005, p. 238)

Egiptologia no Brasil

A egiptologia, no Brasil, se formou a partir de exemplos fornecidos pela família real portuguesa, a partir de dois momentos. O primeiro se refere às primeiras políticas públicas de urbanização no Brasil. Ao final do século XVIII, a cidade do Rio de Janeiro se tornou o principal porto da colônia portuguesa americana e a capital do Vice Reino. Face à importância conquistada pela vila aos olhos da Coroa, um programa de urbanização da cidade foi elaborado, sob o modelo lisboense. O projeto, marcado pelo espírito das luzes, trouxe a influência egípcia à arquitetura brasileira, notadamente através do trabalho de Mestre Valentim, considerado o primeiro paisagista moderno brasileiro (BAKOS, 2004, p. 58). O segundo, trata-se da constituição da primeira coleção egípcia no país, atualmente em exibição no Museu Nacional do Rio de Janeiro, por D. Pedro I.

D. Pedro II, profundo estudioso de história universal, versado em hebraico e árabe, teve condições de discutir com competentes egiptólogos sobre os misteriosos significados dos textos em escrita hieroglífica. O imperador brasileiro chegou a visitar o Egito por duas vezes, em 1871 e em 1876. Na segunda viagem, foi presenteado por Quediva Ismael, então paxá egípcio, com um sarcófago da época Saíta, a célebre dinastia do século VII a.C. (BAKOS, 2004, p. 17)

Os currículos nas escolas brasileiras, a partir dos modelos europeus, tradicionais e da realeza, deram à história um papel de excepcional importância, o que levou, por forte influência do positivismo, à valorização do passado humano e à criação, no século XX das Faculdades de História. (BAKOS, 1986, p. 156).

Egiptomania no Brasil

A gênese da egiptomania é de difícil resgate neste país e no mundo, de um lado, porque seu surgimento é muito antigo, iniciando no contexto umbilical da história da humanidade; de outro, pela liberdade, multiplicidade, originalidade, beleza e variedades de técnicas empregadas nessas transculturações. (BAKOS, no prelo).

A egiptomania começou no Brasil nos inícios do século XIX. Os exércitos de Napoleão Bonaparte invadiram Portugal, obrigando D. João VI, sua família e sua corte a irem para o Brasil. D. João VI, preocupado com a cultura, trouxe para cá material para montar a primeira gráfica brasileira, onde foram impressos diversos livros e um jornal chamado *A Gazeta do Rio de Janeiro*. Nesse momento, o Brasil recebe forte influência cultural européia, intensificada ainda mais com a chegada de um grupo de artistas franceses (1816) encarregado da fundação da Academia de Belas Artes (1826), na qual os

alunos poderiam aprender as artes e os ofícios artísticos. Esse grupo ficou conhecido como Missão Artística Francesa.

Esses artistas pintavam, desenhavam, esculpiam e construíam à moda européia. Obedeciam ao estilo neoclássico (novo clássico), ou seja, um estilo artístico que propunha a volta aos padrões da arte clássica (greco-romana) da Antiguidade. Os artistas da missão francesa fizeram as arquiteturas provisórias efêmeras, isto é, o Arco do Triunfo, pirâmides e obeliscos para dar uma impressão de monumentalidade ao Rio de Janeiro. Poucos sabem que o gosto e a prática pela transculturação de elementos da cultura egípcia antiga, no Brasil, chegaram até nós vindo não apenas da Europa, mas diretamente da África e do oriente, ao sabor de etnias, de credos e de valores mundanos muito diferenciados. O Egito é um país africano, seus monumentos e história são patrimônios da epopéia humana, fortemente arraigados e presentes no imaginário brasileiro na atualidade. O conceito de transculturação identifica essa passagem de transferências culturais da África para o Brasil, ao abandonar a expressão 'reutilização, zona de ensimesmamento, da repetição, adota-se, nesta pesquisa o prefixo 'trans' que remete a 'para além de'.

Nesta ótica, todas as práticas de apropriação dos elementos constitutivos da cultura egípcia se tornam, além de exemplares únicos, em fragmentos preciosos de um fenômeno mais longo de transculturação identificados e entendidos desta forma nesta pesquisa, no Brasil, e que vem atravessando espaços oceânicos e continentais em um movimento contínuo e intermitente: a apropriação, por outras culturas, de elementos do antigo Egito. Elas demonstram que a civilização ocidental foi construída tomando algumas peças de empréstimo ao chamado oriente antigo, denominação genérica que apaga a condição geográfica africana do Egito, ainda que o mosaico resultante fosse sempre diferente, essencialmente ele era o mesmo (BAKOS, no prelo).

A egiptomania, considerada por alguns como um produto da campanha de Napoleão Bonaparte, ao Egito, no século XVIII, fato que levou à descoberta da Pedra de Roseta e à decifração da escrita hieroglífica, por Jean François Champollion, através do estudo de suas inscrições bilingües, possui, na verdade, raízes no mundo antigo, com ênfase, no período greco-romano. As experiências de egiptomania serviram para atizar, alimentar, renovar a ancestral chama da paixão dos ocidentais por aquilo o que, a seus olhos era fascinante: o exótico oriente antigo que, desde o século IV a.C, com a conquista do Egito por Alexandre da Macedônia despertava a curiosidade. A partir de então, pela bacia do Mediterrâneo oriental navegaram, do continente africano ao europeu, obras primas originais dos egípcios antigos que se, de um lado, construíram as coleções de peças egípcias dos museus do mundo inteiro, de outro, forneceram modelos para as práticas de egiptomania, essas também universais.

A egiptomania, devido à sua importância e representatividade, constitui, como

bem aponta Jean Marcel, um domínio próprio privilegiado e singular na história da arte. (HUMBERT, 1993, p. 21). No presente texto, esse processo gigantesco de transferências culturais serve de fundamento para a visão da presença do Egito antigo entre nós através, na maioria dos casos, dos olhares dos clássicos da antiguidade que criaram os modelos interpretados pelos criadores da egiptomania brasileira, independente do grau de instrução, de classe social e/ou da condição econômica que ocupam. A egiptomania é o espaço da união entre a ciência e a imaginação, do bom humor, da atração pelo sensual, pelo exótico, pela riqueza, pela monumentalidade, pela vida eterna e vende muito bem os produtos que anuncia. Neste sentido, a egiptomania é, atualmente, um dos veículos mais antigos para anunciar coisas modernas no Brasil e no mundo todo!¹¹⁵

Práticas de egiptomania no Brasil

A egiptomania é o fenômeno mais antigo de transculturação, isto é, de apropriação de elementos de uma cultura por outra, fato que implica, sempre, em mudança, transformação de conteúdo ou de expressão.

Nas palavras de Agnes Heller, o universal no homem é a linguagem; nenhuma é superior ou inferior a outra: todas desempenham suas funções de modo adequado. O marco teórico triunfal da linguagem e do discurso revela o nascimento da consciência da generalidade refletida. Segundo a autora, o criador, o artista, a personalidade particular pode possuir as condições de reflexão direta sobre a generalidade, a humanidade. As pessoas confinadas em suas integrações particulares não reconhecem a si próprias no passado da humanidade e, às vezes, sequer conseguem, valorizar as trocas culturais entre o presente e o passado tão à vista de seus olhos. Essa é uma das razões que conferem aos estudos da egiptologia uma condição de superioridade em relação às pesquisas sobre egiptomania. Assim, a egiptologia, ciência que estuda as coisas egípcias, de forma científica, tradicional, cartesiana, tornou-se, pelos seus princípios metodológicos racionais e lógicos, mais valorizada que a egiptomania, que analisa práticas muito mais antigas, valorizando os aspectos emocionais das criações. É que essa última não condiciona a apropriação de elementos do antigo Egito, ao conhecimento específico e erudito de seu significado original, à época de sua criação, mas à sensibilidade daqueles que a utilizam, seja para expressão artística, seja para a venda de algum um produto. (BAKOS, 2003, p. 275).

À luz desse pensamento pode-se pensar sobre os exemplos de práticas de egiptomania presentes no cotidiano brasileiro: João freqüenta a Academia Pirâmide, em Natal, faz negócios imobiliários com a Construtora Pirâmide, em Porto Alegre, com a Hórus

¹¹⁵ Jean Marcel Humbert tem realizado pesquisas sobre Egiptomania em todo o mundo e, atualmente, na China. Entrevista concedida a autora em setembro de 2004, em Paris.

Engenharia, em Curitiba/ PR - Campo Grande/ MS e com a Imobiliária Pirâmide - Capão da Canoa/ RS. Ele se auxilia da Disk Entulho Pirâmide, de São Paulo/ SP, para limpar as calças, busca a Pirâmide Portões automáticos, para segurança, a Ótica Pirâmide - Porto Alegre/ RS para fazer suas lentes. A Pirâmide Gás - Porto Alegre/ RS abastece sua cozinha, enquanto o futuro da família ele reserva à Pirâmide seguros - Porto Velho/ RO. Ele volta ao Pirâmide Palace Hotel, Natal, com coisas boas para os amigos compradas no Faraó Pães e doces - São Paulo/ SP, e mimos do Akhenaton (objetos para presente) - Porto Alegre/ RS (BAKOS, 2004, p. 145).

João teve todas essas escolhas, mas o próximo a cruzar com símbolos do Egito antigo no Brasil, pode ser você. Eles existem às centenas, basta você se dar conta disso.

Reconhecer que o receptor é também o sujeito no processo de criação de egiptomanias é instigante e requer novas posturas metodológicas, baseadas em pressupostos que avancem em direção a um novo modelo teórico. Significa que o fenômeno pode ser estudado, tanto em relação a essa longevidade através do uso sistemático dos três grandes ícones já referidos – as pirâmides, as esfinges e os obeliscos –, como através do entendimento, de cunho genealógico, dos significados de cada caso isolado, importantes para a criação das identidades particulares de cada local do planeta em que foi localizado e/ou produzida, objeto deste capítulo, voltado para o Brasil. (BAKOS, 2005, no prelo).

Um estudo de caso: o Egito dos filmes e as crianças brasileiras

Em 2001, uma das autoras iniciou uma pesquisa sobre os conhecimentos prévios que os alunos de escolas públicas e privadas do ensino fundamental, em especial da quinta série, trazem sobre o Egito Antigo para a sala de aula. A pesquisa realizada com 595 alunos (316 meninos e 279 meninas), demonstrou que as informações eram retiradas de desenhos animados, programas de canais comerciais e televisão a cabo, novelas, reportagens de jornais, revistas e especialmente de filmes.

Assim, neste estudo de caso, foi analisado como muito da percepção que os alunos da quinta série, que ainda não estudaram o Egito enquanto conteúdo curricular está marcado pelo contato com as imagens cinematográficas e como isso pode condicionar a criação de sua identidade brasileira, a partir da experiência cinematográfica sobre o Egito Antigo.

Cinema e Egito

No século XX, o tema Egito foi levado ao cinema muitas vezes. Em cerca de cem anos, dezenas de filmes sobre múmias egípcias foram feitos. O primeiro grande filme do gênero foi a *Múmia*, de 1932, estrelado por Boris Karloff. Depois vieram *A Mão da*

Múmia (1940), *O Túmulo da Múmia* (1942), *A Praga da Múmia* (1944), *Na sombra da Múmia* (1944) e *A Múmia* (1959). Recentemente cineastas de Hollywood voltaram a investir no tema e produziram *A Múmia* (1999), uma refilmagem do clássico de 1932. O filme rendeu quase 500 milhões de dólares, ocupando o trigésimo primeiro lugar na lista das maiores bilheterias de todos os tempos. Dois anos depois, Hollywood lançou o *Retorno da Múmia*, uma continuação cheia de efeitos especiais que mostra a múmia do poderoso Imhotep, pronta para andar pela Terra, em busca da imortalidade numa espetacular aventura, com efeitos especiais cheios de suspense e aventura.

O cinema, “fruto da articulação de códigos e elementos distintos: imagens em movimento, luz, som, música, fala, textos escritos; tem a seu dispor imensas possibilidades de produzir significados. Tudo depende do modo como são combinados luz e sombra, velocidade e câmera, captura dos espaços, ângulos de filmagem e, acima de tudo, da seqüência temporal em que os planos (imagens entre dois cortes) são organizados na montagem”.¹¹⁶ No caso específico da grande maioria dos filmes ligados ao Egito, assistimos a articulação de ação, suspense e aventura que possibilita espectador desenvolver o que Pierre Bourdieu, chama de “competência para ver”, isto é, uma disposição, valorizada socialmente, para analisar, compreender e apreciar qualquer história contada em linguagem cinematográfica.

Segundo pesquisa feita por Rosália Duarte, professora do departamento de educação e do programa de pós-graduação em educação da PUC do Rio de Janeiro, diferente da escrita, cuja competência pressupõe domínio pleno de códigos e estruturas gramaticais convencionados, a linguagem do cinema está ao alcance de todos e não precisa ser ensinada, sobretudo nas sociedades e grupos audiovisuais, em que a habilidade para interpretar os códigos e signos próprios dessa forma de narrar é desenvolvida desde muito cedo. A maior parte de nós aprende a ver filmes pela experiência, ou seja, vendo (na telona ou na telinha) e conversando sobre eles com outros espectadores.

Para Marcos Napolitano, autor do livro *Como usar o cinema na sala de aula*, da editora Contexto, a história é uma das disciplinas mais afeitas a atividades com o cinema. O chamado “filme histórico” é um dos gêneros mais consagrados na história do cinema mundial. Vale lembrar, que geralmente o filme histórico revela muito mais sobre a sociedade contemporânea que o produziu do que sobre o passado nele encenado e representado.

O olhar do expectador, a partir de dois filmes: O Retorno da Múmia e O Príncipe do Egito

Em pesquisa inicial com um grupo de alunos de quinta série do ensino fundamental, analisaremos dois filmes conhecidos desta faixa etária. O aluno pré-adolescente

começa a desenvolver um olhar sobre o mundo e suas regras de funcionamento, ele percebe as diferenças entre os vários sistemas culturais, épocas históricas e diferentes civilizações. Geralmente, os gêneros preferidos dos alunos nessa idade são aventuras e ficção científica. As meninas tendem a demonstrar interesse por filmes românticos, embora esta divisão seja sempre problemática.

Os filmes que falam do Egito Antigo são particularmente mencionados pelos alunos desta faixa etária, especialmente a partir da refilmagem de *A múmia* e do *Retorno da Múmia*. No filme *O Retorno da Múmia*, Os meninos demonstraram grande interesse pela cena em que os escorpiões saem da boca da múmia, em sua busca pela imortalidade. As cenas de lutas, ação, aventura são consideradas por eles como as “mais sensacionais e legais”. Já as meninas reagem, em geral diante das mesmas cenas com sensações de aflição, nojo, elas sentem-se assustadas, fecham os olhos para não verem, adoram, mas morrem de medo e às vezes sentem calafrios, prendem a respiração e gritam.

O filme *O Príncipe do Egito*, uma aventura épica conquistou o público em todo o mundo ocidental, tornando-se um dos maiores filmes de animação de todos os tempos. A história de dois irmãos - um deles nascido com sangue real e o outro órfão, com um passado secreto - desperta reações interessantes deste expectador. Os meninos chamam a atenção para a construção das pirâmides, o trabalho escravo e a abertura do Mar Vermelho. As meninas mencionam a cena em que a mãe deixa o filho no rio, a escrava fugindo com o filho no colo e a morte do faraó. As diferenças apontam um dado bastante interessante, quando observamos relação subjetiva com as meninas, em geral, com dez e doze anos, apresentam cenas do filme *O Príncipe do Egito* ligadas aos filhos e à maternidade.

O Egito cinematográfico e a identidade das crianças

A partir de análise inicial é bastante interessante observar como os filmes sobre o Egito apresentam um olhar masculino, branco e ocidental. O modo como o cinema lida com o feminino também é fruto de convenções e de natureza muito mais cultural do que técnica. Segundo a pioneira no estudo da mulher no cinema, E. Ann Kaplan, autora de *A mulher e o cinema* “as mulheres existem para serem cuidadas”. Nos filmes *O Príncipe do Egito* e *O Retorno da Múmia*, podemos observar a maneira como os filmes buscam reafirmar o “papel das mulheres”, como cuidarem dos filhos, casarem-se, servirem ao marido e principalmente amarem incondicionalmente. Por fim vale lembrar que os filmes sobre o Egito buscam conquistar o expectador, até o final, com elementos nos quais cada um possa reconhecer e se projetar seus sentimentos, medos, desejos, expectativas e valores.

¹¹⁶ Duarte, Rosália. *Cinema & Educação*. Autêntica, Belo Horizonte, 2002.

Conclusão

Tanto o estudo acadêmico do Egito Antigo, como das suas percepções, na forma da Egiptomania, demonstram sua relevância para a compreensão das tradições clássicas no Brasil. Por um lado, desde o início da nação, o fascínio pelo Egito marcou os passos iniciais da formação da nacionalidade, como no notável caso da Corte do Rio de Janeiro e dos seus órgãos de representação, como o Museu Nacional. Por outro lado, como procuramos mostrar neste capítulo, o impacto dos temas egípcios, que se restringia à elite, ampliou-se de maneira exponencial, a partir do século XX. Uma abordagem inovadora – genealógica – dos significados de cada caso específico, como particular de cada local do planeta em que foi localizado, produzido ou utilizado, insere-se nas recentes discussões da teoria historiográfica. Aplicada ao Brasil, demonstra sua fertilidade, ao permitir que lancemos novas luzes sobre nossas próprias identidades e representações sociais. O Egito Antigo - distante no tempo e no espaço - mostra-se muito presente, fecundo motor das nossas raízes clássicas brasileiras.

Agradecimentos

Agradecemos aos organizadores do volume e mencionamos o apoio institucional do Curso e do Programa de Pós-graduação em História da PUCRS, CNPq, NEE/UNICAMP e do Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP, a responsabilidade pelas idéias restringe-se às autoras.

Bibliografia

- BAKOS, M. M. *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUC, 2001.
- _____. O Egito antigo: na fronteira entre ciência e imaginação. In: NOBRE, C.; CERQUEIRA, F.; POZZER, K. (eds.) *Fronteiras & Etnicidade no mundo antigo. 13 Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Pelotas, 2003*. Canoas: ULBRA, 2005, pp. 271-281.
- _____. The invention of Antiquity in South America through Egyptomania. In: FUNARI, P.P.A.; GARRAFFONI, R.S. (orgs). *New perspectives on the ancient world*. In press.
- _____. Egiptomania e a invenção da antiguidade na América do Sul. In: FUNARI, P. P. A.; SILVA, G. J. e MARTINS, A. (orgs.) *Estudos Brasileiros sobre a Antiguidade*, Campinas: Edunicamp, no prelo.
- _____. O Egito antigo na rota dos navegadores: do começo ao fim do Novo Mundo, *Phoenix*, 2006, no prelo.
- _____. *Uma noite em el Nilo: egiptomania no Uruguai*. In.: LESSA, F e BUSTAMANTE, R. (orgs) *Memória & festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, pp. 235-239.
- _____. *El antiguo Egipto en Brasil: história de la egiptologia en Brasil. Arqueoweb revista eletrônica*. 5, (3).Espanha, 2004.

- _____. *Egiptomania: Egito no Brasil*. São Paulo: Paris, 2004.
- _____. Egyptianizing motifs in architecture and art in Brazil. In: HUMBERT, Jean Marcel e PRICE, Clifford (orgs). v. 8. *Imhotep today egyptianizing architecture*. Londres, 2003, pp. 231-245.
- _____. Mariage entre L'Égypte Ancienne et le Brésil: perceptions de motifs Égyptiens dans l'aviation quotidienne. In.: *Ninth International Congress of Egyptologists, 2006. Grenoble. Proceedings of the Ninth International Congress of Egyptologists, 2006, Grenoble. Proceedings of the Ninth International Congress of Egyptologists*. Leuven: Peeters Publishers and Booksellers, 2004. V. 1. pp. 107-116.
- DUARTE, R. *Cinema & Educação*. Autêntica: Belo Horizonte, 2002.
- FUNARI, R.S. *Imagens do Egito. Estudo de Representações históricas*. São Paulo: Annablume, 2006.
- _____. *O Egito dos Faraós e Sacerdotes*. São Paulo: Editora Atual, 2004.
- _____. O Egito na sala de aula. In: BAKOS, M. M. (org.) *Egiptomania, O Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004, pp. 145-158.
- _____. Egiptomania, uma abordagem heremeneutica, www.historiaehistoria.com.br. 13/7/2004, ISSN 1807-1783.
- KAPLAN, E. A. *A mulher e o cinema, os dois lados da câmara*. Rio de Janeiro, Rocco, 2002.
- STRECKER, M. *Império contra-ataca*. Folha de São Paulo, 2006, E1, p. 1.